

# InFormAÇÃO

[www.jnd.ifsp.edu.br](http://www.jnd.ifsp.edu.br)

Av. Dr. Cavalcanti, N°396, Complexo Argos, Vila Arens – Jundiáí - SP – 13201-003 Tel: (11) 2448-8500

*Esta edição temática está relacionada ao Setembro Amarelo, mês de conscientização e prevenção ao suicídio.*

## Setembro Amarelo

Por Yasmin Almeida

Um bombardeio de informações, uma incessante busca pelo padrão idealizado, prazos a cumprir, contas a pagar, pessoas a agradar. Estes são gatilhos que fazem com que a cada 40 segundos uma pessoa morra por suicídio no mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde. Como forma de instigar a discussão e combater o suicídio, o mês de setembro é popularmente identificado como “setembro amarelo”.

No Brasil, a campanha teve início em 2015 pelo Centro de Valorização da Vida (CVV), o Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). Porém, o mês de combate surgiu antes, em setembro de 1994, nos EUA, quando o jovem de 17 anos Mike Emme cometeu suicídio. O garoto tinha um Mustang 68 amarelo e, no dia do seu velório, foram distribuídos cartões e fitas amarelas com frases de apoio para pessoas que poderiam estar enfrentando problemas emocionais.

O suicídio é fomentado por uma gama de fatores e interações biológicas, culturais, socioambientais e, principalmente, psicológicas. Sendo assim, o comportamento, muitas vezes, é a maneira encontrada para tentar encerrar o aglomerado de situações difíceis que geram sofrimento emocional ao indivíduo. É uma junção de fatores acumulados durante a história da pessoa que leva a este fim, e não determinados acontecimentos específicos. O suicídio é fruto de um processo.

Um dos fatores mais importantes que leva a esta prática é a dificuldade de se viver no sistema capitalista de hoje, no qual a maioria das pessoas luta diariamente para ter o pão de cada dia e ainda enfrenta diversos outros obstáculos para garantir o mínimo à sobrevivência. Este sim é um processo que indaga o aumento da taxa de suicídio no mundo, a concentração do capital em uma parcela da população que detém muito, enquanto a outra parcela detém pouco ou nada.

De 2016 a 2021, no Brasil, segundo a Associação Paulista de Medicina, houve um aumento de 49,3% nas taxas de suicídio de adolescentes entre 15 e 19 anos, registrando 6,6 a cada 100 mil. Para mais, o risco é maior para indivíduos do sexo masculino se comparado ao feminino, gerando um aumento de 3,8 para 5,1/100 mil no sexo masculino e 1,6 para 2,9/100 mil no feminino.

Apesar dos movimentos, não é de hoje que falar sobre suicídio e saúde mental é um tabu, esta é

uma cultura enraizada na nossa sociedade, e não será do dia para a noite que mudaremos o cenário e as estatísticas. Por isso, lutar contra esse tabu é extremamente importante para que consigamos prevenir e diminuir a taxa dessa violência.

**\*Centro de Valorização da Vida realiza apoio emocional e prevenção do suicídio de forma gratuita 24 horas por dia, mais informações em: <https://www.cvv.org.br/>**



## Dia Mundial da Alfabetização e a Educação Inclusiva

Por Letícia Rosa

A alfabetização é um dos marcos mais significativos na vida de um indivíduo e desempenha um papel crucial no desenvolvimento pessoal e na sociedade como um todo. Sua importância é amplamente reconhecida em várias áreas. Já que no dia 08 de setembro é comemorado o Dia Mundial da Alfabetização, a data foi criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1967. A alfabetização garante a possibilidade de um desenvolvimento pleno para uma pessoa, o que passa diretamente por sua emancipação como indivíduo. Além disso, também é um passo importante na construção de uma sociedade mais justa.

Portanto, a alfabetização deve ser vista, sobretudo, como um direito coletivo, com ações afirmativas do Estado que ofereçam à sociedade instrumentos para alcançar seus fins, como carteira de trabalho, habilitação e entre outros. Segundo o Art. 205 da lei nº 14.172/, de 10 de junho de 2021 defende que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Por isso, a alfabetização é um direito fundamental de todos, independentemente de suas

capacidades físicas ou cognitivas. A questão da alfabetização de pessoas com deficiência exige medidas que possibilitem essa inclusão, pois essas pessoas enfrentam desafios adicionais em sua jornada no período educacional.

Um dos princípios fundamentais do Estado é o acesso à educação inclusiva, que significa que as pessoas com deficiência devem ter a oportunidade de participar do sistema educacional regular, sempre que possível. Isso requer adaptações, suporte e recursos adequados para atender às necessidades individuais, observando todas as deficiências, como a visual, a auditiva e as motoras, além das deficiências intelectuais ou de aprendizado. Cada tipo de deficiência pode exigir abordagens específicas de alfabetização.

Garantir que essas pessoas tenham acesso à educação e às habilidades de alfabetização adequadas às suas necessidades individuais é essencial para promover a igualdade de oportunidades e a participação plena na sociedade. Assim, é de suma importância promover a conscientização sobre as questões relacionadas à alfabetização de pessoas com deficiência e advogar por políticas e recursos que garantam o pleno acesso à educação. Como diria o filósofo grego Epicteto, “Só a educação liberta”, ou seja, só a educação e o saber podem retirar a fenda dos olhos da ignorância e apresentar aos cidadãos os seus direitos e deveres perante a sociedade.



Foto: Reprodução/Google

## Doenças inflamatórias intestinais: métodos para diagnóstico, tratamento e qualidade de vida

**Por Thiago Carvalho**

As Doenças Inflamatórias Intestinais (DII) são patologias autoimunes - nas quais o sistema autoimune ataca o próprio organismo do indivíduo - que podem acometer todo o trato gastrointestinal, desde a boca até o ânus, causando sintomas como: febre, perda ponderal, diarreia e dor abdominal. Além disso, pacientes que possuem essas doenças, apresentam maior possibilidade de desenvolver ansiedade e depressão, sendo que as mulheres demonstram maior propensão ao surgimento de neurodivergências em relação aos homens.

Ademais, dentre todas as DII, as que mais se manifestam na população são: Doença de Crohn e

Retocolite Ulcerativa, atacando principalmente o intestino delgado e o reto, respectivamente, podendo atingir desde crianças até idosos, com maior frequência em jovens e adultos entre 15 e 35 anos.

No Brasil, de acordo com a Sociedade Brasileira de Coloproctologia (SBCP), entre 2012 e 2020, a incidência de casos por ano no país aumentou em média 14,87%. No que tange ao diagnóstico dessas doenças, exames como enterossônancia, colonoscopia, endoscopia e achados sorológicos podem auxiliar na descoberta dessas enfermidades. Vale ressaltar que o processo de diagnóstico das DII geralmente exige tempo, paciência e persistência da equipe médica, podendo durar anos a depender do quadro clínico do paciente e dos resultados dos exames ao longo do tempo.

Até hoje, não se sabe exatamente as causas dessas doenças, porém, pesquisas e estudos recentes apontam que bactérias do próprio intestino podem desencadear uma reação imunológica inadequada em pessoas com uma pré-disposição genética, acarretando no desenvolvimento da DII.

Contudo, com os avanços da medicina e principalmente com a utilização de medicamentos imunobiológicos como alternativa de tratamento, os pacientes, em sua grande maioria, conseguem alcançar a remissão da doença, já que as patologias autoimunes não possuem nenhum tipo de cura, mas apenas o controle dos sintomas visando o bem-estar do doente em questão.

Paralelamente a isso, uma boa alimentação rica em nutrientes e vitaminas, e a prática de atividades físicas complementam e impulsionam o tratamento de forma positiva, trazendo qualidade de vida, pois diante da falta desses procedimentos, o paciente pode apresentar maiores manifestações da doença e piora no quadro clínico.

Assim, percebe-se a gravidade das DII no cotidiano daqueles que a possuem, visto que os sintomas desestabilizam a estrutura familiar, econômica, física e mental do paciente, já que a saúde instável do paciente não o afeta somente, mas também a todos aqueles ao seu redor. Porém, nota-se também que com um diagnóstico precoce e tratamento adequado juntamente com cuidados especiais do doente, é possível alcançar uma boa qualidade de vida.



Foto: Reprodução/Google

## Os gritos para além do Ipiranga: histórias não contadas da Independência do Brasil

Por Tales Morales e Yasmin Malaquias

O grito do Ipiranga, imortalizado no quadro “Independência ou Morte” de Pedro Américo, marca a independência brasileira como colônia de Portugal, oficializada no dia 7 de setembro de 1822. Na escola, aprendemos como esse momento foi importante para a construção da nossa identidade nacional, especialmente como os homens brancos e de classe alta participaram desse processo histórico e são tidos como heróis. Sempre ouvimos falar de Dom Pedro I e José Bonifácio, mas você já ouviu falar de Maria Felipa e Maria Quitéria? Nosso país sempre foi formado por uma diversidade politicamente atuante, mesmo que a historiografia tente apagar, e, assim, muitos grupos foram de extrema importância para a conquista da independência brasileira.

Dentre eles, podemos citar as seguintes mulheres: duas baianas, Maria Quitéria e Joana Angélica de Jesus, que foram muito importantes para a conquista da tão desejada independência. A primeira foi pioneira na participação feminina no exército brasileiro e atuou em diversos combates contra o domínio português em Salvador. Porém, ela se disfarçou de homem mudando seu nome para soldado Medeiros, já que uma mulher nas forças bélicas transgredia os papéis sociais impostos à figura feminina. Por sua vez, Joana Angélica era uma abadessa que impediu a invasão de portugueses no Convento da Lapa (BA), o que a tornou mártir do movimento da independência ao ser assassinada em fevereiro de 1822, pelos invasores que buscavam revolucionários escondidos naquele espaço religioso.

Por outro lado, Maria Felipa, uma escravizada liberta, também foi de extrema relevância por liderar grupos de indígenas e negros nas lutas pela independência. Ela também atuou queimando mais de 40 embarcações portuguesas na Ilha de Itaparica na Bahia, visando proteger seu trabalho de marisqueira. Além da participação negra, houve também participação de povos indígenas: pode-se citar os Tabajaras que lutaram, ao lado de sertanejos e fazendeiros, no nordeste. No entanto, seus esforços foram esquecidos mesmo após o apoio a Dom Pedro I por parte de representantes indígenas. Eles perderam seus direitos, especialmente em relação à terra, com a outorgação da constituição de 1824. Duzentos anos após, os tabajaras conseguiram porções de terra – ainda injustas – para sobrevivência.

Assim, foram muitas as contribuições desses grupos para a independência brasileira, mesmo que permaneça quase invisibilizado o valor de suas ações – as mulheres, continuaram sem participação política legitimada; parte da população negra continuou sendo escravizada e os indígenas sem o direito à terra garantido até os dias de hoje. Consoante a isso, o então novo país ainda se encontrava preso aos

se encontrava preso aos padrões estabelecidos por Portugal. Tanto politicamente, o modelo de Estado brasileiro era composto por monarcas portugueses, ou seja, ainda permanecia sob valores e tradições de uma elite lusitana. Quanto economicamente, para ser reconhecido como nação independente, teve que pagar uma indenização de cerca de dois milhões de libras para Portugal.

Foto: Reprodução/Google



## Ressaca da Independência

Por Saulo Pessato

No dia 8 de Setembro

de 1822,

o Zé Povinho

a mulher

o preto

o fulano e o cicrano

brasileiro usual

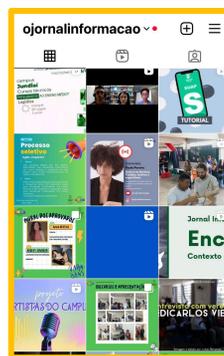
do país inteiro

ao abrir o jornal

descobriram que o Brasil

por mais trezentos anos

permaneceria igual.



Você já conhece o nosso instagram?

Nele, temos diversos tipos de conteúdo. Possuímos quadros informativos, de entretenimento e muito mais.

Acesse: @ojornalinformacao e confira!

## ***Dia Mundial da Amazônia***

Por Natália Brunheti

O Dia Mundial da Amazônia ocorre em 5 de setembro, o motivo de ser nessa data é para homenagear a Província do Amazonas, que foi criada em 1850, por Dom Pedro II. Esse evento tem como finalidade a conscientização e o reconhecimento da importância da maior floresta tropical do mundo.

Pode-se compreender a dimensão e importância da Amazônia por meio de seu amplo e rico território. Ela é composta por cerca de 400 mamíferos e 1.300 aves e conta com aproximadamente 40 mil espécies de plantas diferentes, além de seus rios constituírem a maior bacia hidrográfica do planeta, sendo essencial para o equilíbrio climático e ambiental do planeta.

No ano de 2023, para celebrar essa data, a Casa Civil destacou algumas ações do Governo Federal que buscam proteger a Amazônia. A principal ação foi a criação do novo plano de prevenção a queimadas e desmatamentos, o qual visa manter as atitudes já existentes de prevenção, porém complementá-las e melhorá-las, aumentando a sua eficiência.

A principal responsável pela realização desse projeto é a Força Nacional do Brasil, que, na atualidade, conta com o apoio logístico das forças armadas brasileiras e também atua junto às outras cinco instituições: a Funai, a Polícia Federal, o Ibama e o ICMBio. Atuando em parceria, essas organizações contam hoje com um número de 14 operações legais na Amazônia e têm como principal objetivo a diminuição de crimes ambientais.

É importante que essa floresta, considerada por muitos “o pulmão do mundo”, seja sempre preservada e que a sociedade num todo busque sempre melhorias nesse aspecto, como ter legislações ainda mais criteriosas sobre crimes ambientais; punições aplicadas de forma mais funcional; pressão nos grandes movimentos que mais contribuem para as queimadas e desmatamento; planos para desenvolvimento sustentável etc.

Sem preservar essa área, pode-se ter como principal consequência a destruição da maior reserva florestal do planeta - a qual contribui muito para a fauna e a flora do Brasil, colocando-se em risco não só a qualidade de vida das populações que vivem ao seu redor, mas, principalmente, as que existem nela.

## ***Autores Indígenas***

Por Giulia Gomes

"Literatura é uma modalidade artística que tem como matéria-prima a palavra, usada na construção de histórias ou na expressão de emoções e ideias", segundo o site Brasil Escola. E a Literatura de autoria indígena? Bom, épocas anteriores à década de 1990 foram marcadas pela inexistência de publicações de autores nativos, não havendo a transmissão de crenças, culturas, vivências e hábitos desses grupos por meio de textos escritos

Assim, KaKá Werá e Daniel Munduruku, foram pioneiros neste movimento. As suas obras se caracterizam por narrativas cosmológicas, étnicas, culturais, espirituais e ligadas à natureza. Werá diz que, por meio de sua literatura "busca expressar, despertar reflexões e sensibilizar as pessoas aos valores contidos nas sabedorias ancestrais". Sua primeira obra, lançada em 1994 recebe o título de "Todas as Vezes que Dissemos Adeus". Com diversas traduções, KaKá Werá recebeu diversos prêmios, com direito também a peças teatrais que aconteceram em Portugal, "Morená (2010)" e "O Menino Trovão (2012)". Daniel Munduruku, por sua vez, representa em suas obras a cultura e a história indígena. Seus livros podem ser encontrados também na Itália, Canadá, México, Coreia e Alemanha. Munduruku escreve para que os jovens possam conhecer tudo o que ele viveu, porque talvez nunca irão conhecer aquele mundo, para "mergulhar nos mistérios, nas belezas, nas tristezas e nas frustrações que o povo Munduruku vive e que eu vivi quando era criança".

Claro que muitos artistas merecem ser citados neste texto, pois fizeram e fazem parte da literatura indígena, no entanto, o destaque foi dado para apenas dois com a intenção de propor e instigar uma investigação e interesse maior sobre esse assunto expandindo conhecimentos. O que se espera, é a recomendação de obras tão ricas para cada vez mais pessoas.

**JORNAL INFORMAÇÃO – 45ª EDIÇÃO – SETEMBRO, 2023**

### **EXPEDIENTE**

**Editoração/Revisão:** Gabriela Alias, Jaqueline Borges e Ana Helena Fiamengui.

**Diagramação:** Guilherme Castro.

**Acessibilidade:** Guilherme Castro e Yasmin Cortes.

*Jornal desenvolvido por alunos do curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus Avançado Jundiáí.*